ABIA
boletim
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA INTERDISCIPLINAR DE AIDS
JULHO/SETEMBRO 1998 - Nº 41

A luta contra AIDS perde Jonathan Mann
Pág. 2

Betinho, um personagem de causas imortais
Pág. 4 e 5

***Gay Games*: a união pelo esporte**
Pág. 7

Entrevista com Mabel Bianco: Trabalho em rede com ONGs latino-americanas
Pág. 8 e 9

Keith Haring

acontecendo

Quando estávamos praticamente finalizando esta edição do ***Boletim ABIA***, fomos surpreendidos com a trágica morte do Dr. Jonathan Mann, no dia 2 de setembro, aos 51 anos. Figura legendária no enfrentamento da epidemia de HIV/AIDS, Jonathan, ao longo do seu engajamento na construção de respostas frente à epidemia, soube coadunar ação e reflexão. Primeiro diretor do Programa Global de AIDS (PGA), da Organização Mundial da Saúde, conseguiu, durante o período em que esteve à frente do PGA, mobilizar não somente recursos humanos e financeiros para o delineamento de respostas à epidemia, mas, principalmente, a solidariedade como uma estratégia de ação e intervenção.

Saindo do PGA, foi para Harvard e lá, mais uma vez, criou novas alianças, parcerias e, mais do que tudo, novos conceitos, transformados em estratégia política, como o conceito de vulnerabilidade. Fundou a Global AIDS Policy Coalition (GAPC), que reuniu ativistas e pesquisadores de diferentes partes do mundo. Também em Harvard, Jonathan deu forma a um dos seus últimos projetos: a construção de um diálogo que juntou saúde e direitos humanos, tendo realizado duas conferências internacionais sobre o tema – ocorridas em Boston –, e a publicação da revista *Health and Human Rights*, cujo último número tem um artigo de Jorge Beloqui, integrante do conselho de curadores da ABIA e do GIV, sobre pesquisa em vacinas anti-HIV e direitos humanos.

A ABIA sempre manteve formas de colaboração com Jonathan, através do secretário geral da instituição, Richard Parker, ou de outros integrantes da equipe, como Herbert Daniel e Jane Galvão, que fizeram parte da GAPC. Dentre os produtos mais conhecidos da GAPC estão os dois volumes do livro *A AIDS no Mundo*, cujo primeiro volume, dedicado na edição norte-americana a Herbert Daniel, a ABIA traduziu para o português.

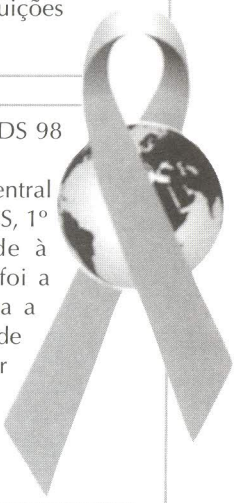
A perda de Jonathan Mann a todos entristece. Com ele perdemos um pouco de audácia, coragem e capacidade de renovação. Mas dele aprendemos a lição da importância de reconciliar ciência e ativismo, ética e política, direitos humanos e saúde.

Esta edição do Boletim ABIA é a ele dedicada. Um boletim que para a ABIA também marca uma perda – um ano da morte de Betinho, que ocorreu em agosto de 97. Mas, como dizia Betinho, a morte só existe para quem parte, e a verdadeira morte só ocorre quando não somos mais lembrados. Por isso, nos juntamos ao Ibase que celebraram "mais um ano com Betinho".

JANE GALVÃO/COORDENADORA GERAL ABIA

CATÁLOGO DE ENTIDADES CIVIS COM ATIVIDADES EM HIV/AIDS

Já foi lançada a 2ª edição, revisada e ampliada, do ***Catálogo de Entidades Civis com Atividades em HIV/AIDS***, editado pela ABIA. Nessa edição, foram incluídas 14 entidades que, durante o ano passado, responderam um questionário para inclusão na publicação. Na *homepage* da ABIA há uma versão da publicação, na qual qualquer alteração de dados ou inclusão de novas instituições pode ser solicitada via preenchimento do questionário padrão.



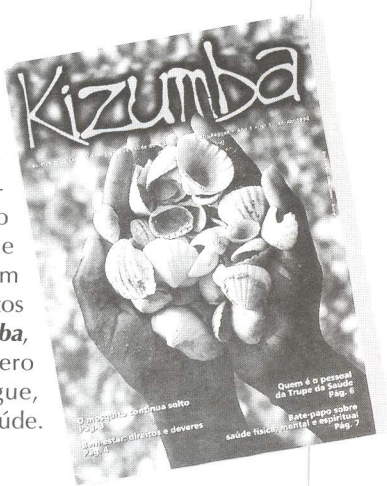
DIA MUNDIAL DE LUTA CONTRA A AIDS 98

Neste ano, os jovens serão o foco central do Dia Mundial de Luta contra a AIDS, 1º de dezembro, que dará continuidade à campanha do ano passado, cujo tema foi a infância. Entre as razões principais para a escolha dos jovens estão a constatação de que mais de 50% das novas infecções por HIV ocorrem em jovens entre 10 e 24 anos e a capacidade que têm de mudar o curso da epidemia.

BOLETIM 3+PLUS

O primeiro número do boletim da América Latina e Caribe de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS, ***3+Plus***, já foi lançado, reunindo artigos de diversos países latino-americanos. O boletim é escrito em português, inglês e espanhol. Informações: Grupo de Incentivo a Vida (GIV), telefax: (011) 5084-0255, e-mail: giv@mandic.com.br

KIZUMBA



Buscando melhorar a qualidade de vida da população carente, dando voz e vez às pessoas que pesquisam assuntos de interesse dessas comunidades, o Grupo Cultural Afro-Reggae acaba de lançar um boletim voltado unicamente a assuntos relativos a saúde: é o ***Kizumba***, que em seu primeiro número aborda temas como dengue, pobreza, racismo, arte e saúde. Mais informações:
Grupo Cultural Afro-Reggae
Telefax: (021) 220-7804
E-mail: afroreggae@ax.apc.org

V ENCONTRO DE LÉSBICAS

Acontecerá, de 24 a 28 de março de 1999, no Hotel Glória, Rio de Janeiro, o ***V Encontro de Lésbicas Feministas da América Latina e do Caribe***. Informações: Centro de Documentação e Informação Coisa de Mulher, telefax: (021) 542-7364, e-mail: cedoicom@ruralrj.com.br

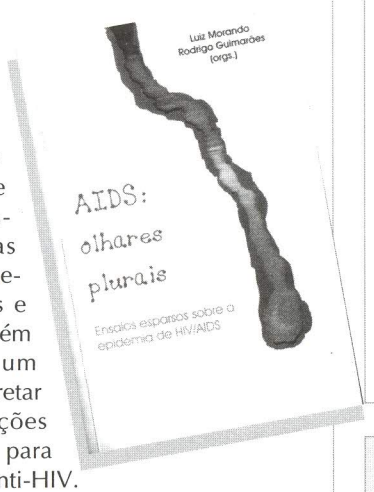
ENCONTRO NACIONAL DE PESSOAS VIVENDO COM HIV E AIDS

De 22 a 25 de outubro de 1998, será realizado no Hotel Glória, Rio de Janeiro, o ***VIII Encontro Nacional de Pessoas Vivendo com HIV e AIDS***, simultaneamente à ***III Jornada Nacional de Vacinas Anti-HIV/AIDS***, organizados pelos grupos Pela VIDDA/RJ e Niterói. Informações: Grupo Pela VIDDA/RJ, tel.: (021) 518-3993/518-1997 e Grupo Pela VIDDA/Niterói, tel: (021) 719-3793/719-5683.

HUMOR E CULTURA NAS ONDAS DO RÁDIO

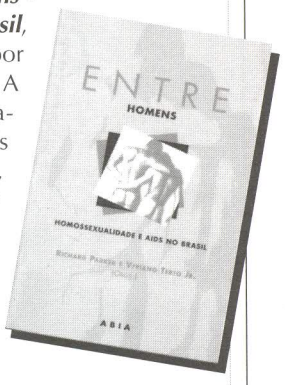
O projeto ***Radialistas contra a AIDS***, do Instituto de Saúde e Desenvolvimento Social (ISDS) e Secretaria de Saúde do Estado do Ceará (SESA-CE), está lançando um CD que reúne cinco *spots* para uma bem-humorada campanha de prevenção às DST/AIDS e promoção da saúde reprodutiva através do rádio. O CD é distribuído gratuitamente pelo ISDS. Informações pelo telefax (085) 281-7799.

AIDS: OLHARES PLURAIS



A proposta do livro ***AIDS: Olhares Plurais*** é reunir textos que tratam do viver com HIV/AIDS e de suas implicações psicossociais, abordando temas como ética, estigma, a presença da AIDS em escolas e entre mulheres. Trata também das conseqüências que um exame anti-HIV pode acarretar e faz algumas considerações sobre ensaios terapêuticos para a pesquisa de uma vacina anti-HIV.
Os interessados em adquirir o livro devem entrar em contato com o GAPA/MG, através do tel.: (031) 271-2126, fax: (031) 271-2947, ou e-mail: gapamg@skynet.com.br

HOMOSSEXUALIDADE E AIDS NO BRASIL



Já está à venda o livro ***Entre Homens - Homossexualidade e AIDS no Brasil***, publicado pela ABIA e organizado por Richard Parker e Veriano Terto Jr. A publicação busca apresentar um panorama de pesquisas comportamentais e sociais sobre homossexualidade, realizadas a partir do impacto da AIDS na sociedade brasileira, e contribuir para o surgimento de novos projetos voltados aos homossexuais. O livro custa R$ 15,00, e está sendo vendido na ABIA e em livrarias do Rio de Janeiro.

AVALIAÇÃO QUALITATIVA

Através do Projeto Prisma, iniciado em outubro de 1997 e financiado pela Fundação Ford, o Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) está criando, em conjunto com instituições das áreas de saúde e educação da região sudeste, um modelo de avaliação qualitativa para materiais educativos em sexualidade e saúde reprodutiva na adolescência. A idéia é fazer um levantamento dos materiais educativos existentes e discutir sua utilização dentro das diversas propostas de educar e informar os adolescentes. Para outras informações, os telefones do Projeto Prisma são (021) 264-2082 / 587-6570, falar com Luiza Cromack, Dulce Castro ou Fátima Régis.

CORRIGINDO...

- O endereço e o telefone do ***Grupo de Apoio à Vida (GAV)*** não são os que publicamos no número anterior do ***Boletim ABIA***. O GAV funciona à Rua João Lourenço Porto, 147 - Centro - Campina Grande/PB - CEP: 58100-620, tel.: (083) 341-2772, e-mail: gav@openline.com.br

- O projeto ***Radialistas contra a AIDS*** é organizado pelo Instituto de Saúde e Desenvolvimento Social em parceria com a Secretaria de Saúde do Estado do Ceará, e não pelo Instituto de Saúde e Desenvolvimento do Estado do Ceará, como publicamos na edição anterior.

Por motivos financeiros, a tiragem do *Boletim ABIA* teve que ser temporariamente reduzida. Esperamos que, em breve, possamos retomar a tiragem normal e voltar a enviar a quantidade de boletins socilitada por cada entidade.

BETINHO: O PERSONAGEM DA UTOPIA

PEDRO CHEQUER

COORDENADOR NACIONAL DE DST E AIDS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE

Há quarenta anos atrás, imaginava-se um país de luz e cor, de formas curvas e harmoniosas de uma natureza grandiosa, reconstruída sob o domínio indiscutível da razão, da negação dos vícios históricos, da valorização do trabalho dos seus operários. O seu resultado, o conjunto habitacional, o parque, a escola, o posto de saúde e o hospital, a cidade, enfim, tudo era modelar. A sociedade que se construía, Brasília, a sua capital moderna, era clara, espaçosa e aberta, saudável e feliz como o encontro possível entre céu e horizonte. Era o sonho desenvolvimentista vivido na sua plenitude, ingenuamente sustentado na arquitetura de um novo socialismo que, acreditávamos, deveria se encaixar como a mão à luva do nosso destino inexorável de "nação do futuro". Ilusão interrompida pelos fatídicos acontecimentos políticos de 1964. Entretanto, nostalgicamente, ainda guardamos na nossa memória as imagens e sons daquela época. Nossas dúvidas existenciais dissipavam-se no ruflar das bandeiras empunhadas ao vento das avenidas, para revelar a nossa vocação brasileira mais nobre, o nosso visceral humanismo.

Alguns personagens daquele momento histórico único mantiveram a essência da sensibilidade social e das idéias que geram ações. Por isso, não cederam diante da situação adversa. Criticaram o poder, indispuseram-se e transformaram a coragem em re-ação. Foram coerentes com o que pensavam e diziam. O sonho e a atitude idealista foram elevados ao patamar das virtudes dos jovens de então, integralmente dedicados à sociedade que imaginavam e desejavam, rejeitando o tentador compromisso com o êxito pessoal e imediato. Um dos seus protagonistas mais brilhantes, Herbert de Souza, o Betinho, confundiu os últimos quarenta anos da história oficial deste país com o seu idealismo confesso, avesso ao processo de desconstrução de um Brasil utópico, no seu sentido mais legítimo.

Certos homens e mulheres, como acontece, aliás, em todas as histórias nacionais, insurgem dos movimentos sociais como que por uma dessas circunstâncias milagrosas, que confluem a um só tempo e espaço distintas paixões – do amor ao sofrimento – por uma grande causa. São momentos privilegiados de uma nação, oportunidades de vislumbrar um futuro diferente brotando das suas próprias mãos, nas mãos dos seus líderes autênticos. Entretanto, grandes causas sociais erguem-se na voz de indivíduos que se reconhecem frágeis. Porque sabem que são mortais, suas causas não.

SIMPLICIDADE

Quando comecei a escrever estas linhas sobre Betinho, imediatamente lembrei-me de *O Dia da Cura*, texto escrito por ele e publicado no Jornal do Brasil de 31/01/92. Na simplicidade, objetividade e sinceridade da sua linguagem poética, uma das suas virtudes unanimemente reconhecidas, intuí que pudesse encontrar a chave para a resposta ao desafio que me oferecia, o de traduzir a importância do pensamento e da ação de um único homem para o enfrentamento da AIDS no Brasil.

Como que por encantamento, o li e reli seguidamente. Entre cada um dos seus dez parágrafos exatos, impregnados de inteligência, sensibilidade e humor, com o meu sorriso e a emoção incontidos, pensava no dia-a-dia de um homem comum, com mulher, filhos, amigos, e uma inflexível esperança. Preocupavam-me, principalmente, as suas responsabilidades pessoal e social, assumidas publicamente, de carregar nas costas um fardo tão pesado quanto a morte anunciada pelo HIV, diante de uma sociedade surpresa e assustada com a ameaça da epidemia – órfã resignada do seu destino, do vazio deixado pela sua própria utopia falida e ocupado por poucos rebeldes e insistentes, entre eles um homem franzino e debilitado, enfermo incurável, e feliz.

Alguém que acreditava que só o amor pela vida traria de volta a dignidade e o respeito pelo cidadão comum e, principalmente, por aqueles que não são reconhecidos como cidadãos; o respeito pelos pobres e famintos, pelo pão e pelo suor, pela dor e pelo sofrimento, pelos infectados e doentes. Finalmente, respeito e recompensa por uma luta persistente e incansável em busca do prazer e da felicidade, objetivos maiores de todas as nossas esperanças.

A nossa "natural" indignação, a nossa resistência e medo, a tentação do preconceito e da estigmatização transformam-se, nas suas reflexões, em perplexidade diante da vida e dos seus mistérios, revelados durante o seu caminho inexorável da doença à morte prematura. Se o seu pensamento era contundente, a doçura das suas palavras umedecia e afiava a lâmina que atravessaria sem dor os nossos corações, para lhes extirpar a iniqüidade, o escuro vazio da ausência de solidariedade.

ESPÍRITO RENASCENTISTA

Então, curados dos nossos males e iluminados nas nossas idéias mais elevadas, reencontramo-nos em Betinho. Na sua trajetória, na sua dedicação abnegada a todas as lutas possíveis. No seu mergulho fundo, doloroso e necessário, apaixonado e destemido. Nas contradições e perplexidades da epidemia e da vida, redescobrimos o nosso mais genuíno espírito renascentista. Quando ele nos dizia, convencido, que "a AIDS é uma doença revolucionária", conclamáva-nos a deter o curso egoísta das nossas vidas, transformando-as e priorizando-as na união solidária das histórias de cada um em torno de uma única História, na construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, justa e fraterna.

A importância de Betinho para que avancemos e tornemos mais efetivas as nossas ações para o controle e a prevenção da AIDS no país reside na fortaleza que ele construiu para si e para todos nós, e que permanece inexpugnável, no coração de todos que tivemos a sorte de conviver com ele, conhecê-lo e admirá-lo. A importância de Betinho na luta contra a AIDS é a importância da AIDS na história das lutas sociais que Betinho abraçou por nós. A sua grande contribuição para o enfrentamento da doença está na lucidez da sua transcendência. Antes das mais auspiciosas descobertas da medicina, Betinho já nos apresentava a solução para a AIDS e a epidemia: chama-se VIDA.

Mark Nuis

ENFRENTANDO O ABISMO

JANE GALVÃO[1]

COORDENADORA GERAL DA ABIA E DOUTORANDA EM SAÚDE COLETIVA NO INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL/UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Popperfoto

Cada conferência internacional de AIDS tem um lema; o da "XII World AIDS Conference"[2], que aconteceu de 28 de junho a 3 de julho de 1998 em Genebra, Suiça, foi "Bridging the Gap" (que é possível traduzir como "cobrindo o abismo")[3]. A idéia contida no lema era estabelecer canais de discussão entre os chamados países desenvolvidos e os em desenvolvimento através de questões como acesso a tratamento, prioridade de pesquisa, e incentivo ao diálogo entre ativistas e cientistas. Enfim, uma agenda ambiciosa que também incluiu um tópico: o "princípio de Genebra". Bravamente defendido, sobretudo pelos integrantes do setor comunitário que fez parte da equipe que ajudou a montar a conferência (ver nota 3), o "princípio de Genebra" buscou garantir a maior participação das pessoas com HIV/AIDS, assim como do setor comunitário.

Segundo dados divulgados pela Fondation du Présent - que está recolhendo opiniões, via internet, sobre a XII Conferência (http://www.hivnet.ch/fdp) -, 23% dos participantes (2982) eram dos chamados "países em desenvolvimento", sendo que destes 687 receberam bolsa da conferência. Mas o que a conferência trouxe de novo? Como aponta o editorial do Cadernos Pela VIDDA[4], Genebra não foi marcada nem pela euforia da conferência de Vancouver de 1996 - com a novidade do "coquetel" que fez a mídia falar da cura da AIDS -, nem pelo pessismo representado, por exemplo, pelos exaustivos relatos sobre efeitos colaterais, aderência, resistência, dificuldades de acesso aos tratamentos etc. Na realidade, ficou em um meio termo que deu um tom morno ao evento. Mas se há um ponto comum entre as duas conferências é o fato de terem tido como destaque questões relacionadas a tratamento.

INDÚSTRIA FARMACÊUTICA

Com a presença cada vez mais marcante da indústria farmacêutica, não somente nos ricos estandes e nos brindes distribuídos, mas também no apoio direto ao evento (basta ler os créditos no programa), a XII Conferência serviu para apontar o quão difícil será superar o *gap* que separa os países do hemisfério norte dos do sul e a dificuldade que ainda é mover as agendas, seja dos ativistas ou dos cientistas, para além das discussões mais imediatas trazidas pela epidemia de HIV/AIDS desenvolvendo novas formas de atuar.

Questões como as de mercado, posta pela indústria farmacêutica, e de economia política, representada pela entrada do Banco Mundial e seus empréstimos para determinados países gerirem a epidemia, vão requerer mais do que palavras de ordem, como "América Latina está queimando", dita nas manifestações capitaneadas pelo Act Up. Por tudo isso, a XIII Conferência, que acontecerá de 9 a 14 de julho do ano 2000, em Durban, África do Sul, representa um desafio para os seus organizadores[5]. Primeira conferência internacional de AIDS dessa série realizada em um país em desenvolvimento, há muita expectativa quanto ao seu formato. Sem dúvida, precisa abordar uma epidemia cada vez mais marcada pelas desigualdades e que, até o momento, está sendo globalizada não pelas políticas de solidariedade, como sonharam muitos, mas pela ótica do mercado.

---

[1] Na XII Conferência, Jane integrou o Track D (Ciência Social e Comportamental), fez parte do comitê internacional de revisão dos trabalhos submetidos e recebeu bolsa da conferência.

[2] As conferências anteriores foram chamadas "International Conference on AIDS"; a de Genebra foi chamada de "World AIDS Conference".

[3] A Conferência de Genebra contou, no seu comitê organizador, com o Global Network of People Living with HIV/AIDS (GNP+/Rede Global de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS), International AIDS Society (IAS/Sociedade Internacional de AIDS), International Council of AIDS Service Organizations (ICASO/Conselho Internacional de Organizações de Serviço em AIDS), The International Community of Women Living with HIV/AIDS (ICW/Comunidade Internacional de Mulheres Vivendo com HIV/AIDS) e United Nations Programme on HIV/AIDS (UNAIDS/Programa Conjunto das Nações Unidas para HIV/AIDS).

[4] Pela Vidda. Cadernos Pela VIDDA. São Paulo, ano VIII, número 26, julho de 1998.

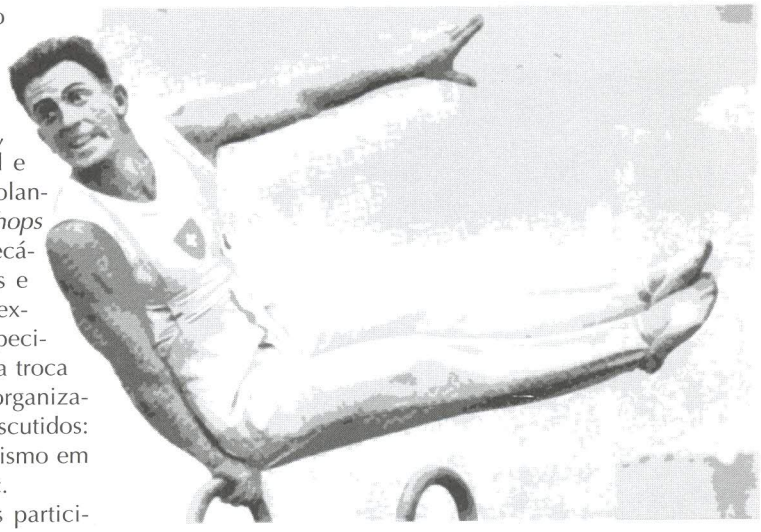
[5] Para informações sobre a XIII Conferência já existem dois *sites*: www.aids2000.com; http://www.congrex/aids2000. E também o seguinte endereço: Administrative Secretariat/XIIIth International AIDS Conference. C/o Congrex Sweden AB - Linnégatan 89A - 114 86 Stockholm. Sweden Fax: (438) 46 6 661 91 25 - E-mail: aids2000@congrex.se

Gay Games
Amizade, esporte e cultura

Veriano Terto Jr.
Coordenador da Área de Projetos da ABIA

Juan Carlos de la Concepción Raxach
Consultor da ABIA

Popperfoto



Entre os dias 1º e 8 de agosto, participamos do programa de *workshops* sobre direitos humanos de *gays*, lésbicas, bissexuais e transsexuais (GLBT), que ocorreu paralelo às Olimpíadas *Gays* (*Gay Games*), realizada no mesmo período na cidade de Amsterdã, Holanda. O convite partiu da Anistia Internacional e da HIVOS, uma organização não-governamental holandesa que apoia países em desenvolvimento. Os *workshops* tiveram como objetivo chamar a atenção sobre a precária situação dos direitos humanos de *gays*, lésbicas e transexuais, criar um fórum para o intercâmbio de experiências para os participantes dos *Gay Games*, especialmente dos países em desenvolvimento, e facilitar a troca de informações entre organizações comunitárias e organizações de direitos humanos. Foram vários os temas discutidos: situação do HIV/AIDS entre a população GLBT, ativismo em direitos humanos, identidade, aspectos jurídicos etc.

Além da oportunidade de intercambiar com os participantes dos *workshops*, pudemos vivenciar o grande acontecimento que foram as Olímpiadas *Gays*. Durante aquela semana, dezenas de milhares de GLBT do mundo inteiro tomaram parte nas competições esportivas, nas atividades culturais, festas, e aproveitaram o clima de fraternidade que tomou conta da cidade de Amsterdã. Para nós que vivemos em países onde a organização política e social da população GLBT ainda é incipiente e a intolerância e a discrimininação freqüentes, estar em Amsterdã naqueles dias era quase a realização de uma utopia. Para muitos, era a primeira vez que viviam a experiência de poder abraçar ou beijar um(a) companheiro(a) ou namorado(a), sem ser preso por isso. Ainda que os próprios holandeses considerem que seu país deva avançar na tolerância com a homossexualidade, para muitos visitantes, a Holanda parecia algo próximo ao paraíso.

PATROCINADORES

O clima de fraternidade era estimulado pelo *slogan* do evento: *Amizade através do Esporte e da Cultura* e pela ausência de incidentes, brigas e repressão policial. Nos chamou a atenção, no entanto, a forte comercialização em torno das atividades. Empresas como cervejarias, companhias de aviação, fábricas de bebidas alcoólicas e agências de viagens estavam entre os patrocinadores, indicando a força do mercado GLBT. Na sede do evento, diversas barracas vendiam produtos como camisetas, *souvenirs*, jóias e CDs, destinados ao público GLBT. Não encontramos barracas de grupos *gays*, ONGs/AIDS, organizações de direitos humanos, que estamos habituados a encontrar em eventos relacionados à homossexualidade ou questões sociais. O HIV/AIDS era apenas lembrado na distribuição de preservativos, em eventos paralelos, como o programa de *workshops* de que participamos, e nos folhetos de endereços úteis. Por essa razão, foram várias as críticas de ativistas e formadores de opinião, que apontaram o escamoteamento das duras questões relacionadas à homossexualidade: a violação dos direitos humanos em diversos países, a falta de recursos, o impacto da epidemia de AIDS entre os *gays* etc., para mostrar uma homossexualidade integrada ao mercado, marcada pelo consumo e em consonância com o capitalismo moderno.

Considerando seus aspectos positivos e negativos, a impressão que nos acompanhou de volta ao Brasil é de que o evento significou um exemplo de comunhão e tolerância que deve ser lembrado e valorizado. A convivência com as pessoas de comunidades homossexuais social e economicamente mais organizados nos demonstrou a viabilidade de alcançar mais respeito e garantia aos direitos humanos e lutar por uma sociedade mais tolerante. Além disso, o intercâmbio com pessoas dos países em desenvolvimento nos revelou o quanto as pessoas ainda são passíveis de toda sorte de violência, apenas por amarem outra de seu sexo e o quanto ainda temos que lutar pela garantia de direitos básicos, como o direito a vida, à saúde, ao trabalho. Esperamos que os eventos de Amsterdã venham a resultar em mais solidariedade entre as diversas regiões do planeta, principalmente entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. Quem sabe, em 2002, nas próximas Olimpíadas *Gays*, em Sidney, Austrália, possamos nos reencontrar num mundo mais justo para todos.

Trocando idéias com MABEL BIANCO

A UNIÃO FAZ A FORÇA

POR MARTA TORRES

JORNALISTA

Secretária Regional do Conselho Latino-americano e do Caribe de Organizações com Serviços em AIDS (LACCASO) na Argentina, a médica, mestre em Saúde Pública e especialista em Epidemiologia, Mabel Bianco destaca-se na América Latina à frente de entidades com serviços em HIV/AIDS. Atualmente, preside a Fundação para Estudo e Pesquisa da Mulher (FEIM), coordena o grupo Mulher e AIDS/Sociedade Internacional de AIDS, além de ser suplente das ONGs da América Latina e Caribe no Programme Coordinating Board (PCB) do Joint United Nations Programme on HIV/AIDS (UNAIDS). Nesta entrevista para o ***Boletim ABIA****, Mabel conta a trajetória do LACCASO, a relação do conselho com os países da região e o que dificulta o trabalho em rede.*

O QUE É O LACCASO E COMO ESTÁ ESTRUTURADO?

É o Conselho Latino-americano e do Caribe de Organizações com Serviços em AIDS, regional do Conselho Internacional de Organizações com Serviços em HIV/AIDS (ICASO), com sede em Toronto, Canadá. O LACCASO tem pontos focais nacionais (PFN) em 12 países da América Latina: Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, Equador, Martinica, México, Nicarágua, Peru, República Dominicana, Trindade e Tobago, e Venezuela.

ONDE FUNCIONA A SEDE REGIONAL LATINO-AMERICANA DO CONSELHO?

Em dezembro de 1997, mudou-se a sede do secretariado regional, do Coletivo Sol (México) para Feim (Argentina). Essa mudança foi resultado de um processo iniciado na reunião anual dos PFN, em Bogotá, em setembro de 1996. Nessa época, também se estabeleceu o Comitê Regional de Gestão, composto pela ABIA (Brasil), ACCSI (Venezuela), National AIDS Hot Line (Trinidad e Tobago), Coletivo Sol (ex-secretariado regional) e Feim (atual secretariado regional).

Como parte das atividades de fortalecimento do trabalho em rede, o secretariado regional do LACCASO iniciou um processo de reformulação dos sistemas e modalidades de comunicação em duas linhas: interna – os PFN estabeleceram um novo sistema de comunicação, que inclui a incorporação de equipamentos de comunicação eletrônica para aqueles que não o dispunham; e externa – um novo diretório foi reunido, com mais de 500 organizações da região. Além disso, foram mantidas comunicações periódicas com outras redes regionais e nacionais.

QUAIS SÃO OS OBJETIVOS DO LACCASO?

A principal meta do LACCASO é desenvolver atividades de promoção do trabalho em rede de ONGs e Organizações de Base Comunitárias (OBCs) dos países da América Latina e do Caribe. Esse trabalho está centrado na análise da epidemia nos países da região latino-americana, no estudo e na defesa dos direitos humanos das pessoas em relação ao HIV/AIDS, no acesso a tratamento e cuidados das pessoas infectadas e doentes.

QUAL A PARTICIPAÇÃO DO LACCASO NA AMÉRICA LATINA E CARIBE?

Através de seus PFN e do Secretariado Regional, o LACCASO envolve-se em atividades nacionais, sub-regionais, regionais e internacionais relacionadas a HIV/AIDS. Através do ICASO, participa das conferências internacionais de AIDS

e, desde 1995, atua como *co-sponsor* das conferências regionais. Desde 1994, o conselho trabalha no desenvolvimento dos temas relacionados a direitos humanos e HIV/AIDS, tendo realizado seminários nacionais em seis países da região. Neste ano, a partir de um projeto financiado pela UNAIDS, está desenvolvendo seis estudos de caso em HIV/AIDS, na Argentina, Brasil, Colômbia, México, República Dominicana e Venezuela. Esses estudos abrangem temas como acesso a tratamento na Argentina e México, impacto socio-econômico do HIV/AIDS no Brasil, direitos humanos com ênfase nos direitos reprodutivos na Venezuela, direitos humanos e migração na República Dominicana, e direitos humanos, AIDS e legislação no Equador.

O LACCASO também está desenvolvendo um instrumento regional para a denúncia e o monitoramento dos casos de violação dos direitos humanos em relação ao HIV/AIDS. No início deste ano, integrou-se ao seguimento da implementação do Plano de Ação da Conferência Internacional de Direitos Humanos, Viena +5, e redigiu a proposta sobre HIV/AIDS que foi incluída na declaração regional anexada à Declaração Internacional da conferência.

Para uma maior sensibilização da necessidade de uma maior integração entre a perspectiva dos direitos humanos e as atividades relacionadas ao HIV/AIDS, o LACCASO desenvolve, ainda, atividades de advocacia frente a organismos governamentais e não-governamentais nacionais e regionais. Nessa linha, o LACCASO mantém contatos formais com a Comissão Interamericana de Direitos Humanos e o Grupo de Cooperação Técnica Horizontal (integrado por representantes de Programas Nacionais de AIDS de alguns países da região).

Desde 1996, em razão dos Encontros Iberoamericanos de presidentes, o LACCASO realiza atividades de *lobby* para a incorporação de temas relacionados ao HIV/AIDS e direitos humanos nas agendas de discussão. No último encontro, que aconteceu em Santiago, Chile, o LACCASO, junto com Ilga e GNP+, solicitou entrevistas com diferentes presidentes e realizou uma atividade de protesto durante o encontro. Atualmente, o LACCASO está trabalhando para o próximo encontro, junto com outras redes e ONGs.

Como o LACCASO se relaciona com outras redes regionais?

Desde o seu início, o LACCASO trabalha coordenadamente com redes regionais: Rede Global de Pessoas com HIV/AIDS (GNP+), a Comunidade Internacional de Mulheres Positivas (ICW) e o Grupo de Trabalho em AIDS da Associação Internacional de *Gays* e Lésbicas. Junto com essas redes, o LACCASO apoiou, por exemplo, o Encontro de Paris e a declaração firmada pelos governos participantes (dezembro de 1994). No seguimento dessa declaração na região com a colaboração da União Européia e AIDES France, realizaram-se reuniões regionais em 1995 e 1996, em Bogotá, Colômbia, e em 1997, em Lima, Peru. As mesmas foram organizadas pela Liga Colombiana de Luta contra a AIDS, PFN do LACCASO na Colômbia. Participaram das reuniões, além do LACCASO, GNP+, ICW e o Grupo de Trabalho em AIDS da Associação Internacional de *Gays* e Lésbicas.

Quais os principais desafios e dificuldades para a formação de redes comunitárias na América Latina e no Caribe?

Uma das principais dificuldades é a diversidade existente entre sub-regiões. O Caribe, por exemplo, apresenta diferenças de idioma, cultura e problemas de vínculos sociais com países do norte, originários da sua época colonial, que não favorecem a relação com o resto da América Latina. Por outro lado, o crescimento de organizações, grupos de base e indivíduos que trabalham em HIV/AIDS mas têm perspectiva diferentes por virem de grupos e ONGs com diferentes agendas, geram novos desafios para o trabalho em rede.

A diferença de interesses e objetivos das ONGs atualmente trabalhando em HIV/AIDS é, hoje, muito ampla. Para o trabalho em rede é necessário superar as especificações de cada uma e encontrar os mecanismos comuns que as unem para esse trabalho. Quando se consegue isso, damos um passo muito grande para o fortalecimento das redes. O problema do financiamento é também uma dificuldade. Os fundos para HIV/AIDS são cada dia menores e os financiadores ou doadores privilegiam a destinação de fundos a projetos comunitários, não ao trabalho e desenvolvimento de redes.

Quais têm sido as principais atuações do LACCASO?

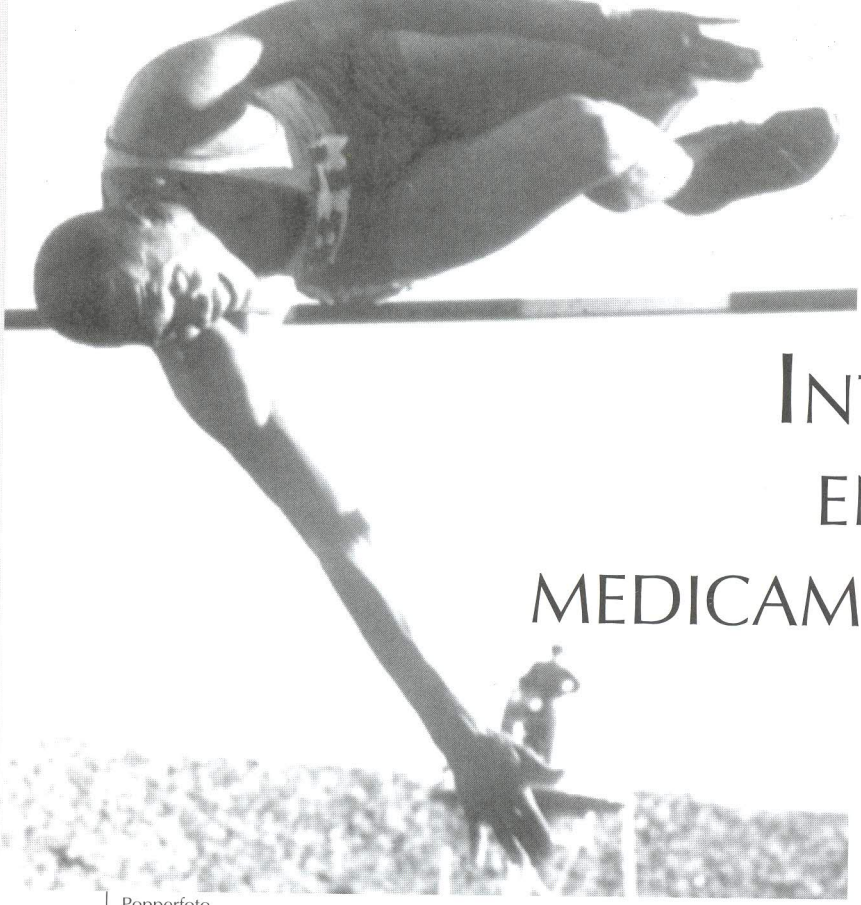
Com relação aos direitos humanos, concretizou-se a incorporação da perspectiva desse tema nas atividades de todos os PFN. O LACCASO promove a incorporação dessa perspectiva em outras ONGs, OBCs e redes com trabalho em HIV/AIDS na Região. Além disso, o LACCASO está realizando esforços para melhorar os sistemas de coleta de dados sobre as violações dos direitos humanos relacionados a direitos sexuais e reprodutivos e HIV/AIDS na região.

O LACCASO também realiza monitoramento e análise da pandemia, através de um convênio firmado com a UNAIDS. Além disso, o fortalecimento do trabalho em rede está entre suas prioridades.

Quais são as metas para o futuro?

Realizar um fórum comunitário em conjunto com GNP+, Ilga, ICW e a Rede Regional de Redução de Danos. Produzir uma oficina regional sobre HIV/AIDS e Direitos Humanos, bem como promover a difusão da publicação "Diretrizes Internacionais sobre HIV/AIDS e Direitos Humanos", elaboradas pelo ICASO. Estão entre nossos planos, também, ampliar a representação em países distintos através de novos PFN, melhorar o trabalho conjunto e a comunicação com ONGs da região, trabalhar integralmente com outras redes regionais e conseguir um registro formal das violações aos direitos humanos em relação a epidemia de HIV/AIDS que acontecem na América Latina e Caribe.

Secretaria Regional LACCASO
Paraná, 135 - 3º andar, 13 - (1017) Buenos Aires, Argentina
Tel.: (54 1) 372-2763 Fax: (54 1) 375-5977
E-mail: feim@feim.wamani.apc.org
Mabel Bianco, Secretária Regional - Maria Inês Re, Assistente Regional



Popperfoto

INTERAÇÕES ENTRE ENTORPECENTES E MEDICAMENTOS ANTI-HIV

MARCELO SECRON BESSA

AUTOR DE *HISTÓRIAS POSITIVAS: A LITERATURA (DES)CONSTRUINDO A AIDS* (RECORD)

A conjunção drogas e AIDS não é nova. É provável que todos, com um mínimo de memória, lembrem-se de que, no início da epidemia de HIV/AIDS, na década de 80, os usuários de drogas injetáveis (UDIs), junto com homossexuais masculinos, hemofílicos e profissionais do sexo, também pertenceram aos pejorativamente chamados "grupos de risco". De lá para cá, é certo que muita coisa mudou, inclusive no Brasil. Mas enquanto outros segmentos da população vêm conquistando uma atenção maior em relação a campanhas de prevenção e informação – já que também houve uma mudança no perfil epidemiológico da AIDS – os UDIs, de certa forma, ainda permanecem na sombra e, por razões óbvias, num forçado silêncio.

Enquanto os números de casos de AIDS entre homossexuais masculinos, notificados ao Ministério da Saúde vêm registrando uma sensível queda, não se pode dizer o mesmo dos casos registrados entre UDIs, que perfazem 27.100, ou seja, 21,8% em relação ao total de casos, que é de 128.821 (dados publicados no Boletim Epidemiológico/AIDS, do Ministério da Saúde, de dezembro de 1997 a fevereiro de 1998). Assim, é possível perceber que a infecção pelo HIV através do uso de drogas injetáveis constitui uma grande e alarmante porcentagem dos totais dos casos de AIDS.

No momento, o que interessa com relação a esses altos números de casos de AIDS entre UDIs é estimar que exista no país um considerável contingente de pessoas soropositivas e que continuam sendo UDIs. Devido ao preconceito e ao silêncio que existem sobre essas pessoas, e, também, em grande parte ao aspecto de criminalidade que as envolve, muito pouco é publicado e feito para tornar menos difícil suas vidas como HIV+ e UDIs. No entanto, há mais uma coisa. Hoje, após o surgimento de novos medicamentos anti-HIV, quando se fala em drogas e AIDS, o assunto ultrapassa a questão epidemiológica e vai além até dos UDIs. E as pessoas HIV+ que são dependentes de drogas não injetáveis, como, por exemplo, a maconha, o álcool e o *ecstasy*? E as pessoas HIV+ que apenas usam drogas social ou raramente? Por que o assunto também tem a ver com elas?

EFEITOS DESCONHECIDOS

Em 1996, num clube em Londres, um rapaz soropositivo morreu de *overdose* de *ecstasy*. Pela autópsia, foi constatado que havia em seu sangue o equivalente a 22 cápsulas da droga. O companheiro do rapaz negou que ele tivesse tomado tal quantidade; apenas duas, como já havia feito outras vezes. Mas frisou que, daquela vez, ele também havia tomado sua dose prescrita de ritonavir. Esse incidente fez clarear que pouco ainda se sabe das interações das drogas com os medicamentos anti-HIV, especialmente os inibidores da protease, que são: saquinavir (Invirase), indinavir (Crixivan), ritonavir (Norvir), nelfinavir (Viracept). Convém lembrar que qualquer medicamento, seja um analgésico seja um antiviral, deve ser tomado com cautela e apenas com prescrição médica. Mas os inibidores de protease, especialmente, são medicamentos fortes e que, além do *ritual* de sua ingestão (tomar em jejum, tomar com proteínas, tomar outro com determinados minutos de intervalo etc.), devem ser combinados com outros medicamentos *muito cuidadosamente*. Isso é válido, inclusive em relação às drogas.

Apesar da interação drogas e medicamentos ainda ser pouco conhecida, estudos iniciais com ritonavir foram feitos

e alguns resultados já começam a circular entre o público HIV+, seja por panfletos como os do Gay Men's Health Center (GMHC), uma organização dos EUA, e os do AIDS Council of New South Wales Inc. (ACON), da Austrália. Além disso, um dos últimos números da revista americana *Poz*, destinada às pessoas soropositivas, dedicou um espaço em que dá dicas sobre essas interações e seus efeitos, que podem ser, literalmente, letais (*ver quadro*). Mas, além disso, Gabi Horn, a autora do artigo da *Poz*, dá dicas para quem faz uso de medicamentos anti-HIV e drogas. Basicamente, são quatro:

- não use drogas durante as primeiras seis a oito semanas do início de um tratamento com um novo inibidor da protease;
- para manter seus rins limpos e prevenir desidratação, beba muita água e evite o álcool;
- geralmente as misturas de drogas e medicamentos são um risco que favorecem a não-aderência. Quando você está *doidão*, pode se esquecer de tomar seus medicamentos. Caso você se esqueça de tomá-los, não tome uma dose dupla: siga a prescrição médica;
- lembre-se de que muitas drogas, como a cocaína, a heroína e o ecstasy, por exemplo, possibilitam que sejam *malhadas*, isto é, podem conter várias impurezas e outras substâncias (sabe-se lá o quê) misturadas a elas. Uma interação do medicamento com uma substância desconhecida pode dar um efeito nada bom.

Assim, se você é soropositivo e gosta de beber (muito ou pouco), de dar um *tequinho*, ou de dançar freneticamente na cena *clubber* à base de *ecstasy*, deve tomar certos cuidados. Além disso, se você gosta de um *pico*, não se esqueça de que o uso de seringas descartáveis, esterilizadas e limpas é importante para evitar uma reinfecção. Não compartilhe-as com ninguém. E mais uma coisa: apesar de o quadro abaixo dar algumas informações, sempre consulte um médico (e de preferência um *bom* médico) para tirar as suas dúvidas. E, agora, *enjoy it, baby*.

P.S.: Com este artigo, não pretendo sugerir que as pessoas soropositivas devam ou não usar drogas. Apenas considero que aquelas que as usam devem ter direito ao acesso a informações importantes e necessárias para o seu estilo de vida. E só.

DROGA	EFEITO DAS INTERAÇÕES COM MEDICAMENTOS ANTI-HIV
Maconha	Desconhecido, mas possivelmente não há efeitos.
Álcool	Pode afetar o nível de medicamentos antivirais na corrente sangüínea. Doses freqüentes de álcool **não** são aconselhadas a quem toma ddI, já que aumenta o risco de se ter uma pancreatite.
Poppers	Desconhecido.
Cocaína	Desconhecido, mas pouco provável de interagir com inibidores da protease. Porém, num estudo *in vitro*, **a cocaína fez o HIV se reproduzir 20 vezes mais rápido que o normal**. Assim, cheirar ou se aplicar pode ser uma coisa nada boa para seu sistema imunológico.
Heroína	A heroína é metabolizada mais rapidamente, o que dá uma *doideira* menor. O ACON indica que o ritonavir (e possivelmente outros inibidores da protease) reduz o efeito da heroína na corrente sangüínea. Por isso, você deve ter muito cuidado ao aumentar a dose à qual já está acostumado. Nunca se deve tomar, de início, uma dose maior, sabendo que os inibidores diminuem a reação. Tome a dose de heroína à qual está acostumado e somente depois, caso realmente queira um efeito mais forte, cheire ou aplique outra dose.
Ecstasy	Ritonavir (e possivelmente outros inibidores da protease) aumenta a quantidade de *ecstasy* na corrente sangüínea de 2 a 10 vezes. Se você toma inibidores da protease e quiser tomar *ecstasy*, tome 1/4 da quantidade de *ecstasy* que você normalmente toma. Além disso, tome muito líquido (água, refrigerantes, sucos etc.) e **evite o álcool**. Os efeitos da interação ainda podem provocar rangeduras nos dentes, inflexibilidade nas juntas e uma maior desidratação. Também aumentam a chance de problemas no fígado e de cálculos renais. Um aviso aos usuários do indinavir (Crixivan): beba muita água no dia seguinte para reduzir a chance de ter um cálculo renal.
Anfetamina	Ritonavir (e possivelmente os outros inibidores da protease) aumenta o efeito das anfetaminas na corrente sangüínea. Isso pode levar a uma ansiedade maior, palpitações e, possivelmente, levar a uma insuficiência cardíaca e/ou respiratória. Se você toma inibidores da protease e quiser tomar anfetaminas, tome 1/4 da dose de anfetamina à qual está acostumado.

Fontes citadas: "Party Favors", *de Gabi Horn, em Poz, junho de 1998 e* "HIV, Drugs & Life", *do ACON, dezembro de 1997.*

A COMUNIDADE AFRO-BRASILEIRA E O HIV/AIDS

CLAUDIO OLIVEIRA

ESTAGIÁRIO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL DA ABIA

Para avaliar o impacto sócio-econômico e cultural da epidemia de HIV/AIDS na comunidade afro-brasileira, instituir redes de solidariedade e partilhar as experiências vivenciadas entre os diversos grupos e entidades do movimento negro, assim como de pessoas engajadas na luta contra o avanço da epidemia de HIV/AIDS na comunidade negra, foi realizado, no Rio de Janeiro, o ***III Seminário Nacional: A Comunidade Afro-Brasileira e a Epidemia de HIV/AIDS***. O evento, que contou com o apoio da Fundação MacArthur, aconteceu nos dias 6 e 7 de agosto e reuniu integrantes de entidades do movimento negro, ONGs/AIDS e profissionais liberais, que trabalham com HIV/AIDS.

Sérgio Henrique

A abertura do seminário contou com a presença de Jane Galvão, coordenadora geral da ABIA, José Marmo, coordenador do projeto Arayê, Stuart Burden, representante da Fundação MacArthur, e Sônia Nascimento, da Fundação Cultural Palmares. A primeira mesa enfocou o saber acadêmico e a intervenção social no contexto afro-brasileiro do HIV/AIDS, em que foram abordados temas como campanhas elitizadas, falta de autonomia sobre o próprio corpo e o aumento dos casos heterossexuais. Nessa mesa, Regina Nogueira (Grupo Griô/RS) salientou que a família dos descendentes afro-brasileiros excluem mais familiares soropositivos do que outras famílias. No mesmo dia, duas outras mesas foram realizadas – uma tratando do impacto da epidemia na arte e cultura afro-brasileiras e a outra sobre a tradição cultural afro-brasileira como fonte alternativa de tratamento. Zenaide Zen (Cia. Étnica de Dança/RJ), expositora na mesa de arte e cultura, enfatizou a necessidade de não se negar a doença, que é universal e pode acontecer com qualquer um. Já Ricardo Cravo Albin (Funarte/RJ) acrescentou que se todas as pessoas notórias se declarassem como soropositivas, a epidemia sofreria uma crescente redução em sua taxa de infecção. A última mesa do dia, a tradição cultural afro-brasileira como fonte alternativa de tratamento, destacou, como disse Lepê Correia (Djumbay/PE), que cada tradição tem a sua explicação e o indivíduo não pode escolher uma delas como única fonte de salvação, sendo sempre importante haver uma relativação.

ÓRFÃOS DA AIDS

No dia seguinte mais três mesas foram realizadas. A primeira, AIDS pediátrica e os órfãos da AIDS, trouxe números alarmantes. Laércio Zaniquelli (Centro de Convivência Infantil Filhos de Oxum/SP) informou que existem cerca de 11.000 crianças órfãs da AIDS no Estado de São Paulo. Ainda nessa mesa, Miguel Fontes (PROMUNDO/DF) criticou os paradigmas da prevenção, que obrigam a entidade a seguir linhas fixas pré-programadas que muitas vezes não acompanham a realidade da AIDS, a qual muda rapidamente. Logo em seguida, deu-se início à mesa Negros, Drogas e a Epidemia de HIV/AIDS, em que diversas críticas foram dirigidas às campanhas "terroristas" do governo, que, segundo Edward MacRae (CETAB/BA), não trazem resultado algum. Para Fábio Mesquita (IEPAS/SP), as campanhas devem mostrar como o uso da droga pode ser menos prejudicial a saúde, tendo em vista que todas as campanhas baseadas no terror fracassaram. Vítor Onofre (Afro-Reggae/RJ) iniciou a última mesa do seminário. O jovem, morador de Vigário Geral, contou como foi sua trajetória até integrar a Trupe da Saúde e deixou uma mensagem: "O mais importante é a vontade de lutar. Deus ajuda, Oxalá ajuda, mas só se houver trabalho e vontade, caso contrário nada cai do céu". Marcelo Cerqueira (Centro Baiano Anti-AIDS/BA) trouxe um cartaz que teve bastante receptividade entre os participantes, com o *slogan*: "Os Orixás nos protegem e eu uso camisinha".

O seminário terminou com a apresentação da Trupe da Saúde, que mais uma vez, mostrou como falar da epidemia e, ao mesmo tempo, arrancar sorrisos e atenção para a problemática do HIV/AIDS.

RITS: INFORMAÇÃO SEM FRONTEIRAS

ANDRÉA MORAES

ASSESSORA DA SECRETARIA EXECUTIVA DA REDE DE INFORMAÇÕES PARA O TERCEIRO SETOR (RITS)

Popperfoto

A capacitação para obtenção de informações é hoje um serviço primordial para a garantia de eficiência nas ações institucionais. As organizações da sociedade civil sabem disso e estão motivadas para investir nessa área, apesar das dificuldades constantes que essas organizações têm atravessado nos últimos anos.

A Rede de Informações para o Terceiro Setor (Rits) é um instrumento que visa colaborar com o esforço das organizações sem fins lucrativos para superar dificuldades nas atividades informativas. Criada em 1997, com o apoio da Unesco e recursos financeiros do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), a rede pretende desenvolver, através da Internet, um sistema computadorizado de informações e comunicação que atinja às entidades da sociedade civil, contribuindo para uma melhor integração do setor.

No seu primeiro estágio de implantação, a Rits tem coletado um conjunto de dados de interesse das organizações da sociedade civil: bibliografias sobre as mais diversas áreas de atuação das organizações, informações jurídicas e administrativas voltadas para a realidade do setor, serviços de apoio técnico e capacitação em informática, bases de dados sobre instituições da sociedade civil, pessoas e projetos envolvidos com atividades na área social. Esse acervo de informações está sendo disponibilizado no *site* da Internet http://www.rits.org.br

PÚBLICO

A continuidade da Rede depende diretamente da participação dos usuários. Nosso público-alvo principal é constituído pelas organizações sem fins lucrativos, que podem se envolver com a Rits das seguintes maneiras: como usuário identificado, associado, núcleo temático ou núcleo regional.

A primeira modalidade de participação é aberta a todos e oferece ao usuário o acesso a alguns serviços da Rits, como informações selecionadas do cadastro de instituições, pessoas e projetos, acervo bibliográfico, coletânea de leis do terceiro setor, divulgação de eventos, *e–mails* importantes, *chats* e *links*, compra e venda de produtos através da nossa página de mercado e acesso à Revista Eletrônica do Terceiro Setor (Rets).

O segundo tipo de inserção na Rits, como associado, oferece serviços de Internet, tais como sediamento de página institucional e criação de *banners* (logotipos inseridos na página da Internet), acesso a áreas de informação e de interação fundamentais para a consolidação das atividades institucionais: banco de dados quantitativos sobre o terceiro setor, acesso completo às informações bibliográficas e cadastrais, consulta jurídica e administrativa, captação de recursos, divulgação de eventos, acesso à Rets, participação em *chats*, *links*, conferências, listas e acesso ao FTP (programa para transferência de arquivos, que permite que textos sejam baixados), compra e venda de produtos e serviços, através da nossa área de mercado e do quadro de avisos.

NÚCLEOS

As demais formas de participação, núcleo temático e núcleo regional, terão entrada irrestrita no *site* da Rits, além de receberem capacitação em Internet e serviços de apoio técnico nas áreas de informática, administração e legislação do terceiro setor. No caso do núcleo regional, existe a possibilidade de concessão de recursos materiais para capacitação em informática e propagação da Rits em determinadas regiões do país, principalmente naquelas onde a informática ainda é um recurso pouco ou nada utilizado. Os núcleos deverão, em contrapartida, alimentar a Rede com informações de sua especialidade.

A definição dos núcleos segue um plano de implantação e consolidação da Rede, elaborado pelo núcleo central da Rits. A estratégia traçada indica a participação como núcleo temático de instituições da sociedade civil que tenham acumulado experiência na sua área de atuação e como núcleo regional, organizações que habilitem-se para servir como divulgadoras da Rits nas diferentes regiões do país, obedecendo a uma proposta de implantação sistemática da Rede que prioriza as necessidades específicas de cada localidade.

A ABIA está em processo de negociação com a Rits para constituir-se como o primeiro núcleo temático da Rede na área de AIDS. Contando com um amplo acervo de informações no setor, experiência com Internet e acesso a várias outras organizações importantes que lidam com a questão da AIDS no país, a ABIA estará contribuindo para a democratização da informação no país e, assim, consolidando seu papel como entidade da sociedade civil.

COMUNICAÇÃO E DIREITOS HUMANOS

PREVENÇÃO DA AIDS NA NICARÁGUA

RITA ARAUZ E PASCUAL ORTELLS

INTEGRANTES DA FUNDAÇÃO NIMEHUATZIN

Nas duas últimas décadas do século XX, a epidemia de AIDS vem apresentando à humanidade múltiplos desafios, com tantas facetas e enfoques que são poucas as disciplinas científicas que ficam de fora dessa questão. Prevenir a AIDS é mais do que pesquisar uma vacina ou um tratamento – prevenir AIDS é também lutar contra a discriminação e o medo, ter uma vida sexual mais responsável, criativa, saudável e, em suma, mais humana. Combater a AIDS é desenvolver a solidariedade e a defesa dos direitos de quem tem AIDS ou vivem com o HIV.

Desde 1990, ano em que obteve seu estatuto jurídico, a Fundação Nimehuatzin se dedica à prevenção do HIV/AIDS na Nicarágua, através da promoção e defesa dos direitos humanos como estratégia mais eficaz e adequada de prevenção e controle da epidemia. Nimehuatzin é uma palavra *nahualt* (povo indígena nativo) que significa "nos levantamos por uma causa nobre".

O papel da Fundação Nimehuatzin está relacionado ao desenvolvimento e apoio das intervenções, com uma abordagem ética, multidisciplinar e uma perspectiva de gênero. Baseando-se em pesquisas, enfatizamos a produção de materiais impressos de comunicação de massa e a educação comunitária, bem como os serviços de assistência médica e psicológica para comunidades específicas, buscando promover uma abordagem ética na assistência às pessoas com HIV ou vulneráveis a essa infecção. A partir da combinação entre a comunicação massiva e a educação comunitária é mais provável que as trocas do conhecimento se traduzam em um comportamento mais seguro. A união de comunicação e educação pode ser mais eficiente que cada uma delas separadamente.

COMUNICAÇÃO COM ARTISTAS

Entre outubro e novembro de 1990, produzimos o primeiro cartaz verdadeiramente nacional na Nicarágua, do qual participaram 30 artistas, com 41 desenhos ao todo. O desenho ganhador, *Hay muchas formas de hacerlo...* (Há muitas formas de fazer isso...) teve grande aceitação dentro e fora do país. Depois o utilizamos para produzir 10 mil cartazes, 15 *outdoors* – distribuídos em Manágua e nas principais cidades – anúncios em revistas de circulação nacional, 13 mil decalques, 2 mil bandeirinhas e 6 mil camisetas. O texto foi difundido por meio de mensagens nas rádios e o tema do cartaz serviu para produzir os primeiros anúncios de TV, feitos na Nicarágua sobre esse assunto.

Em setembro e outubro de 1991, a Fundação Nimehuatzin realizou o Concurso Nacional de Pintura Contemporânea *Compartiendo el reto* (Compartilhando o desafio) junto com a União Nacional de Artistas Plásticos Leonel Vanegas. O júri, formado por reconhecidas personalidades de arte, avaliou 62 obras, apresentadas por 37 artistas nacionais, com variadas técnicas: óleo sobre tela, óleo sobre papel, acrílico sobre tela, tinta sobre cartão etc. Com as obras premiadas, a Fundação Nimehuatzin editou um calendário artístico (1992).

Os dois eventos mencionados foram os principais antecedentes do nosso trabalho de comunicação de massa. Mais tarde, de novembro de 1995 a dezembro de 1997, realizamos um projeto com recursos da União Européia, através do Medicus Mundi França, cujas linhas de ação incluíram um significativo componente de comunicação de massa junto à educação comunitária e serviços de assistência bio-psicossocial.

MENSAGEM E FORMA DE COMUNICAR

Um exemplo recente de nossa comunicação de massa é o trabalho que desenvolvemos em conjunto com algumas casas de apoio à mulher. Por meio de convênios de colaboração, a Fundação Nimehuatzin vem trabalhando com organizações de mulheres em várias partes do país. Com esses programas, orientados sobretudo a mulheres camponesas, capacitamos promotoras de saúde e de direitos humanos. Coordenando esforços com os centro de apoio à mulher, em 1997, elaboramos um cartaz com o tema *Porque nosotras valemos...* (Porque nós temos valor...) e um *folder* que explica a prevenção da AIDS numa perspectiva de gênero.

Em oito anos de trabalho, a Fundação Nimehuatzin deu preferência a adequar o conteúdo e a forma da comunicação a diversos setores sociais, levando em conta também a capacidade de cada meio de comunicação de penetrar em um setor social distinto: o rádio tem mais penetração nas áreas rurais; os jornais, nos setores urbanos com formação acadêmica média e alta; as revistas são segmentadas a tipos determinados de leitor etc. Por essa razão, e na medida de nossos recursos, utilizamos diversos meios ou canais de comunicação (rádio, cartazes, panfletos, artigos promocionais, *folders* e revistas).

Procuramos em todos os casos desenvolver uma comunicação compreensível, atrativa e clara, com palavras simples e de uso cotidiano. Também resolvemos, de forma criativa, a apresentação de mensagens que poderiam chocar os setores conservadores, conseguindo assim maior eficácia nas mensagens. Quanto ao conteúdo da comunicação, a Fundação Nimehuatzin descartou, desde o primeiro ano, o uso do medo como mecanismo para induzir a percepção do risco. Desde 1991, temos mantido de maneira sistemática as mensagens positivas, que apelam para a autoestima e autonomia de quem as recebe.

Na atualidade, nossas mensagens de comunicação e conteúdos de educação comunitária estão estruturados em três eixos temáticos, guardando uma estreita relação uns com os outros. O primeiro se refere às mensagens básicas, isto é, à informação necessária para compreender em que consiste a epidemia de HIV/AIDS e decidir quais são as medidas comunitárias e pessoais a serem tomadas (diferença entre o HIV e a AIDS, especificidade das vias de transmissão, vulnerabilidade da mulher e da juventude).

O segundo eixo temático é o dos direitos humanos, fundamental para gerar uma segurança que garanta os direitos humanos de toda a sociedade frente à epidemia de HIV/AIDS, já que a infecção pelo HIV, além de um problema de saúde pública, é uma questão social, cultural, econômica e jurídica que afeta toda a cidadania. Esse eixo inclui como temas o aconselhamento, a prova (voluntária e confidencial com um aconselhamento prévio e um posterior) e o apoio a pessoas vivendo com HIV (nutrição, higiene, estresse e cuidados no lar). Já o terceiro eixo enfatiza a prevenção da transmissão sexual do HIV, já que na Nicarágua 92% dos casos de AIDS decorrem de transmissão sexual. Nesse caso particular, faz-se uso de preservativos como medida cientificamente adequada de prevenção de DST, gravidez imprevista, câncer cérvico-uterino e HIV/AIDS.

PREVENÇÃO DESPOLARIZADA

Considerando que a sociedade nicaraguense está muito polarizada, e esse é um fator que poderia com facilidade "pôr ruído" na comunicação sobre a AIDS, a Fundação Nimehuatzin sempre pretendeu articular um discurso aceitável para todos os setores sociais e forças políticas do país. Isso não significa que adote uma posição de neutralidade. Até o momento, temos conseguido encontrar uma área de convergência em torno da defesa dos direitos das pessoas que vivem com HIV/AIDS, da luta contra a dominação de gênero e contra qualquer forma de discriminação como exigências da prevenção da AIDS.

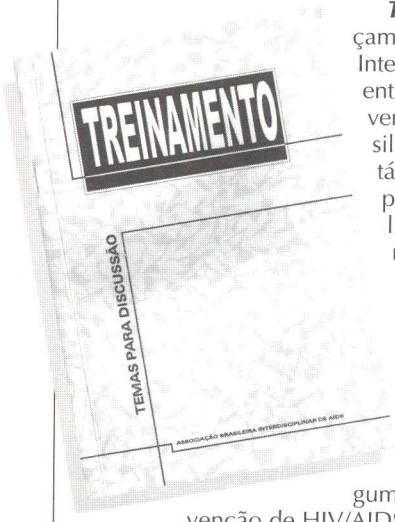
Fundação Nimehuatzin
Caixa Postal A-262 - Manágua,
Nicarágua Tel.: (505 2) 780-028
Fax: (505 2) 786-534
E-mail: nimehua@ns.ops.org.ni

Fotos: Popperfoto

ABIA

outras palavras

TÓPICOS PARA DEBATE



Treinamento/Temas para Discussão, o mais novo lançamento da ABIA, resultou do projeto Colaboração e Intercâmbio: Solidariedade em Ação, desenvolvido pela entidade de 1995 a 1998, com apoio da Bilance, envolvendo organizações não-governamentais de todo o Brasil. Dando prosseguimento à série de publicações, estágios e treinamentos promovidos pelo projeto, o livro pretende oferecer às entidades brasileiras que trabalham com HIV/AIDS uma amostra de temas que foram expostos e desenvolvidos nos treinamentos realizados pela ABIA.

Em 74 páginas, a publicação, que também conta com o apoio da Bilance, expõe seis ensaios sobre os seguintes temas: Solidariedade em ação/Anotações sobre o projeto Colaboração e Intercâmbio da ABIA (Marcelo Secron Bessa); Comunicação e AIDS: na pauta da mídia (Alessandra Nilo); Elaboração de projetos e captação de recursos: algumas contribuições (Cléia J. Silveira); Oficinas de prevenção de HIV/AIDS como espaços sociais e culturais integradores (Edgar Merchán-Hamann); Para uma palestra sobre medicação de AIDS (Jorge Beloqui); e Assessoria jurídica e direitos civis para pessoas com HIV/AIDS (Marcelo Turra).

Levantando questões que favoreçam debates atualizados sobre o HIV/AIDS, o livro espera dar a sua contribuição para o esclarecimento do presente cenário em que a epidemia está inserida no Brasil.

QUANDO ELAS DIZEM SIM

Uma cena tipicamente brasileira – o encontro de homens e mulheres em bares para beber, comer aperitivos e também paquerar – foi a forma encontrada pelo Projeto Arayê para chamar a atenção do público heterossexual masculino afro-brasileiro para a importância do uso da camisinha na prevenção ao HIV/AIDS. Com a publicação do cartaz ***Com Camisinha Elas Dizem Sim***, o projeto procura atingir os homens negros sobre como se prevenir da doença, desmitificando o conceito de que "AIDS é coisa de branco e homossexual".

Para que o material alcance seu público-alvo de maneira adequada e eficiente, além do recurso utilizado de identificação com uma cena do cotidiano, o Projeto Arayê planejou uma estratégia de distribuição dos 2.000 cartazes produzidos, que abrange ONGs/AIDS, ONGs feministas, instituições e representantes do movimento negro, como também serviços de saúde em DST/AIDS e sindicatos.

Lançado no III Seminário Nacional: A Comunidade Afro-Brasileira e a Epidemia de HIV/AIDS, ocorrido nos últimos dias 6 e 7 de agosto, no Rio de Janeiro, o cartaz, cujo projeto gráfico foi feito pela CV Design, pode ser obtido através de contato com a ABIA.

Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS - ABIA
Entidade de Utilidade Pública Federal, Estadual e Municipal
Entidade de Fins Filantrópicos

Av. Rio Branco, 43/22º andar
20090-003 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (021) 224-1654
Fax: (021) 253-8495
E-mail: abia@ax.apc.org
URL: http://www.alternex.com.br/~abia

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Expediente:
Boletim ABIA nº 41
Julho/Setembro de 1998
Tiragem: 3.000 exemplares
Distribuição interna

Conselho editorial:
Bia Salgueiro, Fernando Sá, Jane Galvão, José Marmo da Silva, Marcelo Secron Bessa, Richard Parker e Veriano Terto Jr.

Jornalista responsável:
Jacinto Corrêa - MT 19273

Coordenação editorial:
Marta Torres

Revisão:
Claudio Oliveira

Programação visual, editoração eletrônica, produção gráfica e fotolitos:
A 4 Mãos Ltda.

Impressão:
Gráfica Lidador

Este boletim foi financiado com recursos da EZE/Evangelische Zentralstelle Entwicklungshilfe e.V.

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta publicação, desde que citados a fonte e o respectivo autor.